

## A RELAÇÃO SIMBÓLICA DO HOMEM COM O OBJETO: A IMAGINAÇÃO MUSEAL NO MUSEU GRUPPELLI

LETÍCIA COUTO CASANOVA<sup>1</sup>; DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Letícia Couto Casanova: Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas - le.shady@hotmail.com;

<sup>2</sup> Diego Lemos Ribeiro: Doutor, Instituto de ciências Humanas (ICH), Universidade Federal de Pelotas - dlrmuseologo@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de análise o Museu Gruppelli, situado no 7º Distrito do município de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul. Os primeiros passos para a criação do museu foram iniciados no final do ano de 1990, quando objetos pertencentes às famílias locais passam a ser recolhidos com a finalidade de servirem como suportes de memórias. Neste momento, de acordo com Mário Chagas (1994), inicia-se

Um olhar constituidor de signos, a medida em que busca um 'outro' sentido além do sentido aparente. Um olhar que sem eliminar definitivamente a função primeira dos objetos/bens culturais, acrescenta-lhes novas funções, transformando-os em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. Um olhar, enfim, que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu. (CHAGAS, 1994, p.52)

Entretanto, o Museu Gruppelli ganha novos contornos em outubro de 1998, ano de sua inauguração. Neste momento o porão da hospedaria, antes uma adega de vinhos, passa a receber peças semelhantes as habitualmente utilizadas no cotidiano da zona rural de Pelotas, mas com um diferencial, agora estavam categorizados como acervo (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013). Mas de que forma os visitantes estariam sendo impactados por esses mesmos objetos?

Tendo esta pergunta como partida, este trabalho tem como propósito analisar a percepção da musealidade do público em relação ao acervo musealizado; busca, entender como as pessoas observam, valorizam e se conectam com o subjetivo, e, ao mesmo tempo as conexões mnemônica que vêm sendo criadas dentro do Museu.

A relevância da pesquisa redonda no fato de que diversos autores da área, dentre eles Waldisa Guarniere<sup>1</sup>, acreditam que o foco central do estudo dos Museus fundamenta-se no fato museal, que é compreendido como a relação simbólica travada entre o homem (sociedade) e os objetos (referências patrimoniais) num cenário institucionalizado (o museu). No entanto, deve-se ressaltar que o objeto de

---

<sup>1</sup> Museóloga e professora, graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e especializou-se com mestrado e doutorado na área de museologia. Waldisa Rússio foi uma das principais teóricas da Museologia brasileira, pois redefiniu a forma de pensar a Museologia e estabeleceu critérios voltados para as questões técnicas e conceituais do campo museológico.

estudo dessa pesquisa é um museu diferente, não convencional, na medida em que ele não é institucionalizado<sup>2</sup>, nem se encaixa nas novas tipologias de museus como ecomuseus e museus comunitários. Em nosso entendimento, as ações museais desenvolvidas se aproximam do que Mário Moutinho (1993) denomina de Sociomuseologia. Segundo o autor, este conceito “traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (Moutinho, 1993, p.7). Da mesma forma, desloca o olhar que outrora estava focado apenas nas coleções e o direciona para os sujeitos sociais.

## 2. METODOLOGIA

Para alcançar as metas desta pesquisa, metodologicamente o trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira foram selecionadas bibliografias de vários autores, sobretudo os que atuam no campo dos Museus. Porém, a principal ferramenta utilizada, para a sistematização desse trabalho foi a confecção e aplicação de um questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Vale salientar que o questionário ficou disponível no museu<sup>3</sup>, para que fosse preenchido de forma voluntária e espontânea, de forma a dar, liberdade de expressão às pessoas. No total foram aplicados 50 questionários durante o mês de janeiro do ano de 2015.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise dos dados constatou-se que mais de 90% dos visitantes afirmam que os objetos trazem lembranças afetivas, e as respostas quanto aos objetos que funcionam como suportes de memórias são bastante diversas, como: ferro de passar roupas, moedor de carne, louças antigas, entre outros. A partir disto, tem-se, segundo Candau, que “nos apropriamos de formas diferentes de cada objeto que se encontra exposto em um local patrimonial, realizando nosso próprio ato de seleção”. (2012, p. 162).

Em relação às lembranças, no geral são remetidas aos tempos antigos, a infância, a casa da avó, demonstrando que as conexões criadas pelos visitantes são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Portanto, “os objetos não apenas nos fazem retroceder no tempo como também se tornam tijolos que ligam o passado ao futuro”. (GONÇALVES, 2007, p.26). Desta forma, os objetos que compõem o acervo do Museu tornaram-se semióforos, assegurando a comunicação entre dois mundos, o visível e o invisível. (POMIAN, 1997)

Outro ponto apreendido através das respostas ao questionário aplicado diz respeito ao significado do museu aos visitantes e sobre o impacto que seria ocasionado em um eventual fechamento do Museu. Neste sentido houve um número significante de palavras relacionadas à perda e ao esquecimento, e outras relacionadas a emoções.

---

<sup>2</sup> Não possui vínculos com instituições, ou seja, com organizações que funcionam sob o escopo de regras e normas.

<sup>3</sup> O questionário foi colocado em pranchetas que ficaram em cima de mesas, nestas também estavam, o livro de sugestões/comentários e blocos de anotações buscando a interação, o feedback do público.

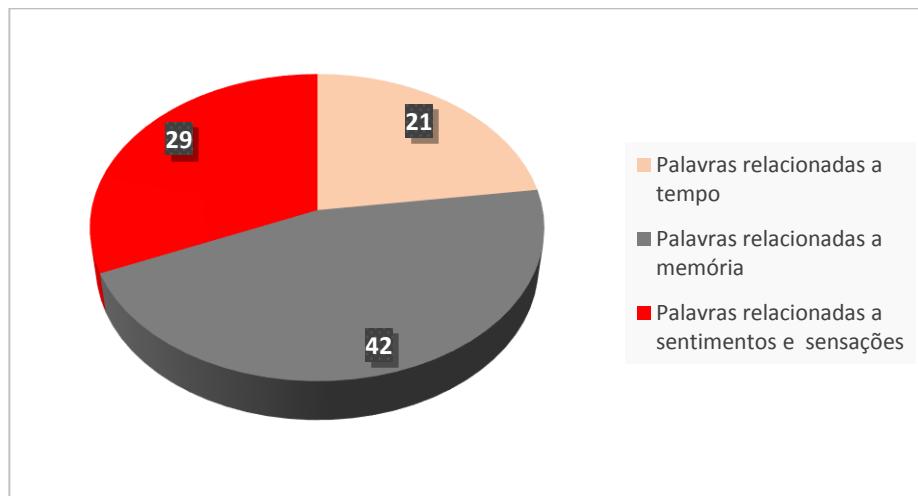


Figura 1 Gráfico: Respostas ao questionário

Fonte: Elaborado pelo autor

Entende-se, assim, que muitas memórias podem ser ativadas pelo receio da ausência ou da perda de referenciais de memórias e de identidades coletivas. A partir das respostas analisadas, pôde-se entender que o museu se tornou um lugar de memória, em que a materialidade dos objetos resguarda as memórias partilhadas coletivamente e evita que se percam. Logo, pela quantidade de vezes que as palavras perda e esquecimento são mencionadas, constata-se que o museu serve à memória da zona rural e, do mesmo modo, vem desempenhando bem o papel de preservá-la – não apenas para quem mora na região, mas também para os moradores do centro urbano.

De acordo com Pierre Nora (1993), os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, na medida em que não existiria memória espontânea. Em razão disso é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. Halbwachs apud Bosi (1994), sobre o papel da memória na sociedade, afirma que não se trata apenas de um condicionamento extremo de um fenômeno interno. “Mais do que isso, entende-se que já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada, trabalham noções gerais. E graças ao caráter objetivo, transsubjetivo, dessas noções gerais, que as imagens resistem e se transformam em lembranças”.

#### 4. CONCLUSÕES

Enfim, ancorados em Nora (1993), acreditamos que os objetos albergados no Museu Gruppelli servem como suportes de memórias, de vivências, que, ao serem preservados, bloqueiam o esquecimento. Em outros termos, através destes objetos as pessoas se identificam e se reconhecem, construindo a noção de identidade e de pertencimento. Compreendemos, então, que o Museu tem forte vocação preservacionista no que se refere às memórias e aos patrimônios locais, que são compartilhados e reconhecidos pela comunidade, ao menos em parte.

Deste modo, esperamos contribuir para o conhecimento, a respeito do Museu Gruppelli, como representante do modo de vida da zona rural da cidade de Pelotas. Como também, sobre o conhecimento do principal objeto de estudo da Museologia

contemporânea, o fato museal, que consiste na relação entre o homem e o objeto, tendo como expressão a percepção da musealidade, que a área da Museologia ajuda a preservar e estimular.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecleia. **Memoria e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade. O Jogo Social da Memória e da Identidade (2): fundar, construir**. Tradução Maria Letícia Ferreira, São Paulo: Contexto, 2012. p.131-179

CHAGAS, Mário de Souza. **No museu com a turma do Charlie Brown**. CADERNOS DE MUSEOLOGIA. Nº 2, p. 49 a 65 – 1994.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; GASTAUD Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. **Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

POMIAN, Krysztof. **Entre o visível e o invisível: teoria geral das coleções**. Verbete Coleção. In: Encyclopédia Einaud, 1: Memória – história. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 51-85, 1997.

MOUTINHO, Mário. **SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL**. CADERNOS DE MUSEOLOGIA V.1, Nº 1, p. 7–9, 1993.